



**TAXA PAGA**  
PORTUGAL  
CCE DEVESAS

**PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS**  
AUTORIZADO A CIRCULAR  
EM INVOLÚCRO FECHADO  
DE PLÁSTICO OU PAPEL  
PODE ABRI-SE PARA  
VERIFICAÇÃO POSTAL  
DE05582008GRC



# Gaiato

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Quinzenário • Fundador: Padre Américo  
Director: Padre João Rosa  
Director-Adjunto: Américo M. S. Carvalho Mendes

23 de Outubro de 2010 • Ano LXVII • N.º 1738  
Preço: € 0,33 (IVA incluído)  
Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

Redacção, Administração, Oficinas Gráficas: Casa do Gaiato • 4560-373 Paço de Sousa  
Tel. 255752285 • Fax 255753799 • E-mail: obradarua@iol.pt  
Cont. 500788898 • Reg. D. G. C. S. 100398 • Depósito Legal 1239

## PATRIMÓNIO DOS POBRES Padre Acílio

SINTO um enorme peso em cima de mim por verificar a situação de miséria de tantas famílias, a sua incapacidade para saírem dela e crescerem na vida.

Todos os dias, várias pessoas se deslocam da cidade, à Casa do Gaiato, procurando amparo.

Que Deus me perdoe, mas devo confessar que, com a insistência delas, já me tenho desapacientado.

Cada vez que vou em socorro de uma, vem logo uma dúzia a gritar persistentemente, a sua penúria.

Aquela rejeitada mãe de 7 filhos, foi o “Paizinho” montar um esquentador, um fogão, um frigorífico e armar-lhe na sala uma mesa com 8 cadeiras, onde se poderão sentar, em família, a comer uma refeição.

Eu já tinha ido à casa dela. Visto as crianças a crescerem em escadinha e a casa sem nada.

Uma pequena trempe a gás, encostada à bilha, fazia de fogão, um perigo eminente que aquela mulher desconhecía. Uma mesa de um metro quadrado era aparador e armário da reduzida loiça da casa. Completava a mobília um largo divã posto num quarto, cujo guarda-roupa embutido na parede, não tinha nem portas nem varões nem cabides. A roupa estava no chão, em monte e desalinhada.

Pobres crianças!... Pobre mãe!...

Não lhe dei ainda uma máquina de lavar roupa, porque já não tenho, mas não desisto de a comprar, logo que possa. Quando fui a primeira vez à sua casa certificar-me do que a senhora me relatava, levava-a comigo e já lhe tinha entregue um avio: pão, fruta, queijo, iogurtes, etc. Eram onze horas da manhã, e, as crianças juntas à porta, esperando mãe e a comida, comoveram-me até às lágrimas.

Com os rapazes, sou exigente com o aproveitamento do comer nos pratos, e, na minha pregação, duro, com os gastos supérfluos ou mesmo dispensáveis de tantos leigos e clérigos.

Se contemplassem as cenas que eu tenho a graça de ver, o seu coração não os deixaria à vontade, para gastarem em passeios ou mesmo peregrinações ao estrangeiro, como tem acontecido.

Deseja-se um novo fôlego, um vivo ardor apostólico e missionário, mas não se faz penitência para isso, visitando e assumindo as dores e o desprezo dos pobres!...

A grande fogueira do ardor é Cristo Jesus, Pobre e presente nos pobres. Se não vamos lá, nem sequer nos aquecemos quanto mais ardemos!...

Tenho ido celebrar nos sábados às 4 horas da tarde com a Terceira Comunidade Carmelita de Setúbal. É claro que o meu sofrimento não se esconde na minha pregação. Tenho esperança de, ali, arranjar 4 companheiros comprometidos e dispostos a visitar, a examinar e a ajudar comigo as situações familiares mais precárias e a aguentar também o peso não só da pobreza mas ainda da miséria.

Quando à noite, num domingo, o “Paizinho” regressou do trabalho descrito e se sentou à mesa, fui junto dele para o experimentar e os seus comensais, já homens, ouvirem.

— Então Paizinho, como correram as coisas?

— *Oh! Aquilo é só miséria, miséria, miséria. Ainda tinha alguns acessórios que me valeram para montar o esquentador. Se visse a alegria das crianças a pôr a mão na torneira da água quente da cozinha!...*

*Encheu-se a casa de gente a falar de si e a queixar-se que você dá a uns e não dá a outros, que também são muito pobres, que igualmente precisam e que o Padre não os atende nem lhes dá nada!*

*Eu só dizia — continuava o “Paizinho” — não tenho nada a ver com isso, fulano (eu) faz o que pode!... Mas olhe que amanhã vai ter aí uma multidão. Prepare-se!*

Estou preparado, e cada vez mais dorido.

A direcção do Património dos Pobres:  
**Casa do Gaiato de Setúbal**  
Algerúz  
2910-281 Setúbal. □

## 23 DE OUTUBRO: NASCEU PADRE AMÉRICO Padre João

EMBORA não seja o dia maior da festa da Obra da Rua, já que o dia da sua morte é bem mais significativo — o nascimento para o Céu — não queremos deixar de assinalar o significado do seu nascimento para o mundo, no qual a sua vida para Deus ganhou corpo e os seus gestos, densidade — já lá vai mais de um século. Era 1887.

A sua vida foi um excepcional dom de Deus, de amor aos mais pequeninos e frágeis. A sua Obra, que perdura no tempo e actualiza o seu carisma de serviço aos pobres, continua a ser cada vez mais necessária, tanto na protecção das crianças, no amparo dos adolescentes em risco como na orientação dos jovens e das famílias em situação clamorosa de pobreza. Não ficaram esquecidos os doentes sem apoio familiar, considerados, tantas vezes, um “estorvo” para as famílias e para a sociedade. É o Calvário — o seu «canto de cisne».

Os tempos que se avizinham, de crise e perturbação, e já campeiam na sociedade portuguesa, hão-de tornar mais evidente e pela positiva o lugar da Obra da Rua, de forma insubstituível, no contexto social e eclesial — a sua necessidade.

Na esteira do Padre Américo continuamos abertos — «Porta Aberta» — para acolher e formar para a vida os mais rejeitados.

Como faz pena observar esta Casa do Gaiato de Paço de Sousa, dotada de condições funcionais e pedagógicas, hoje tão requeridas num projecto educativo — proximidade da natureza, amplos espaços de ocupação sadia e lazer: num enqua-



dramento arquitectónico e paisagístico soberbo e invejável, estar praticamente vazia... quando temos, por certo, que muitas crianças e adolescentes que andam por aí entregues a situações de acolhimento marcadas pela provisoriedade, corroboradas até pelo próprio Estado, poderiam aqui beneficiar de acolhimento equilibrado, sadio e familiar. Bastava abrir os olhos, erradicar preconceitos, e confiar.

Confiamos e esperamos. O futuro é de quem confia na Esperança de um mundo melhor. □

## DA NOSSA VIDA Padre Júlio

AQUELAS duas mulheres com seus filhos ao colo, que me deram o sentido e o conteúdo para o texto da coluna passada, voltaram, cada uma por sua vez, obrigando-me a não adiar mais uma visita aos seus lares.

Uma delas, que trouxe a criança mais crescadinha, veio desta vez disfarçadamente, apontando o caminho a seus pais, também eles necessitados de ajuda. O disfarce desagradou-me, mas o estado de saúde de seu pai, doente renal muito avançado, aquietou a minha reacção perante a sua falta de transparência. Os pobres tantas vezes têm de proceder assim ou mesmo mentir para obterem mais crédito e ajuda para as suas necessidades. É que a verdade não convence a muita gente, embora nós a prefiramos e com ela ganhemos mais alento para os servirmos.

Ainda não a fomos conhecer a sua casa, por causa de algum

descrédito que em nós criou. Mas havemos de lá ir.

Ao contrário desta, fomos conhecer o lar da sua acompanhante da primeira visita. Estava o marido a tomar conta dos dois filhos. O aspecto deles não enganava e confirmava o que a mulher me disse quando veio visitar-nos a primeira vez: «Nunca me vi nesta situação senhor padre. Não tenho nada em casa para dar de comer aos meus filhos».

No marido, manifestou-se em Janeiro uma insuficiência renal, pelo que começou a fazer hemodiálise. Tinha trabalho, mas com o surgir da doença mal acabou o contrato, despediram-no. Agora, passados que são cinco meses, está sem qualquer rendimento, tendo provavelmente como solução do seu caso a atribuição de uma pensão, para o que já foi a uma junta médica, não podendo mais vir a trabalhar. São já três os dias por semana em que se desloca

ao hospital para o tratamento.

Ao abono dos dois filhos juntam algum dinheiro que ela consegue ganhar em limpezas, mas se não chega para o pão muito menos para pagar a renda da casa que habitam.

Entrados já no quinto mês de dívida, tem o senhorio aguardado que a possam saldar com algum dinheiro da dita pensão. Se ele não continuar a esperar, seremos nós a segurá-los na sua casa.

Os casos vão-se multiplicando em catadupa e nós olhamos para o saco e começamos a pensar que temos de ser mais parcós... Nesta sociedade em que o custo de vida e os encargos subiram tão alto, já não fazem efeito nem satisfazem as migalhas que caem da mesa, embora o óbulo da viúva possa fazer milagres.

O Pobre precisa do seu pão, mas este só se alcança quando o pão é repartido e não esbanjado. E há tanto esbanjamento... □

## PÃO DE VIDA

Padre Manuel Mendes

## De vassoura

NA estação outonal, é de motivar mais os nossos filhos para se agarrarem à tarefa das varredelas nos arruamentos exteriores.

Se há instrumento doméstico que é confiado, desde cedo, aos garotos que são recebidos nesta Família, não se pode deixar de dar conta da actividade com um utensílio que é muito útil na educação. O seu fabrico nem sempre resiste às acrobacias de miúdos que passam a fazer uso dele, em grupo. Trata-se das vassouras, bem precisas também noutras limpezas...

As diversas espécies de árvores que emolduram o espaço verde desta Casa, com a proximidade do tempo de declínio vegetativo, apresentam alguns matizes com tal beleza que nos desperta atenção e até para o sentido da vida. Sobressaem as folhas de tonalidade ensanguentada. Abanadas pelos ventos, falam pela sua coloração viva, enquanto não se desligam dos seus ramos.

Depois, a sua queda vai reduzindo a folhagem a um silêncio de aparência inútil. A ausência de ruídos deixa, felizmente, espaço para descobrirmos a Causa das coisas.

Neste tempo, fala-se muito do *stress*, da velocidade do quotidiano, correndo para as emergências, em que é mais difícil saborear e contemplar a bondade da Criação, pelas ocupações e preocupações ou até alheamento da realidade.

Entretanto, é a hora de entrar em acção e retirá-las dos caminhos para não escorregarmos e fertilizarem outras terras. Nada melhor do que projectar alguma força, também, em utensílios com um cabo. Ao fim e ao cabo, que alguma inércia ou agressividade latente, nos mais novos, ajuda-os a crescer, não só em estatura, e ainda a serenar.

Um século depois, entre nós, agarrámo-nos às vassouras para bem da *coisa pública*, quando o luzeiro do dia fazia brilhar muitos rostos mimosos. Deu-se uma volta aos nossos átrios, para limpar as passagens. Os verdadeiros Amigos não devem deixar crescer ervas nos caminhos que os ligam.

Verdade seja dita que houve algumas resistências. Um dos Rapazes refletiu: — *Antes, onde estava, não fazia nada...* Assim, não vamos a lado nenhum, meus amigos! Não há rendimentos que possam chegar para a nacional malandrice.

Se fizermos a nossa obrigação, com gosto e como quem brinca, o serviço rende e o gozo é grande. No século VI, o galês S. David, mesmo moribundo, dirigiu palavras sábias: *“Sede felizes, conservai a fé e fazei coisas simples”*.

Para que haja justiça social, para além da equitativa distribuição dos benefícios, desde a infância também não se pode cultivar uma mentalidade de passividade e *papinha feita*, e devem-se afastar o oportunismo e os interesseiros. Ao que cada um pode e deve fazer, não é conveniente ceder.

Depois do leite matinal, em comunidade, e antes de se sentarem nas carteiras da Escola, alguns vão repetindo aquela operação das vassouradas. Escusado seria dizer que, às vezes, há quebras de cabos por brigas ou até danças...

Nessa empreitada, alguns zangaram-se: — *As folhas continuam a cair...* Sem esforço, como nos podemos levantar?

Cumprida a sua função, as folhas caem, naturalmente e agitadas pelas ventanias, correndo o risco de serem pisadas. Quem se encontra decaído, se não tiver forças nos braços, tem a mão de Deus! □

## Pelos CASAS DO GAIATO

## PAÇO DE SOUSA

Alberto («Resende»)

**DESPORTO** — Fizemos o primeiro jogo da época em Casa. Recebemos os Juniores da União Desportiva Valonguense, por sinal, líder da Série 3, da A. F. Porto. Um jogo onde tudo correu bem, apesar dos nossos rapazes, ainda estarem com o ritmo e a ideia fixa dos jogos da hora do recreio. É sempre assim no começo da época. É próprio! E então quem menos faz; quem mais falha... é quem mais se acha professor e entendido na matéria!

Os Rapazes de Valongo chegaram todos bem-dispostos e, nós já estávamos. Estamos sempre! A festa começa logo pela manhã: uns apanham as folhas, outros marcam o campo, outros aquecem a água para os banhos no fim do jogo, etc., etc. É uma alegria!

O árbitro deu início ao jogo, eram exactamente 15h00. Vinte minutos depois, Joanhinha abre o activo e faz 1-0. Alguns começaram a pensar que eram «favas contadas». Quando assim é, sai sempre o «tiro pela culatra!» Eles fizeram o 1-1. Os nossos Rapazes, ficaram... desanimados! Para ajudar o «pai que é velho», o nosso guarda-redes, resolve, fica a «ver navios» à entrada da grande área e, a União Desportiva, sem cerimónias, aplica a lei da chapelada e, faz o 1-2. Fomos para o balneário... mudos. Depois de trocarmos algumas impressões dentro das quatro paredes — trocar impressões (!) — regressamos ao campo com outro ânimo. Joanhinha bisca, e empata a partida — bonito golo! Quando saiu, vinha todo cheio de «nove horas», como diz o ditado. Gamsé, a quem de vez em quando... faz o 3-2. Pouco depois, o Valonguense, de canto, volta a empatar, carregando cada vez mais no acelerador. A nossa sorte, foi o nosso guarda-redes — senhor António Pedro — apesar de ter feito uma asneira, foi o homem do jogo. Evitou a derrota com algumas defesas arrojadas, para compensar, mesmo em cima do apito final, dois enormes falhanços do nosso avançado



que, na cara do guarda-redes adversário, mandou a bola para as nuvens. Fez o mais difícil! Acontece aos melhores. Só não falha quem não joga! A não ser que, seja como o nosso ala direito — que falha, tenta enganar o adversário, enganando-se a si próprio — e depois... depois diz que é de propósito. É a vontade de jogar... mas podia ser um pouquinho mais humilde! □

## ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS GAIATOS E FAMILIARES DO NORTE

Maurício Mendes

**LOJA SOCIAL** — A missão a que nos propusemos, quiçá ambiciosa já está a dar os seus frutos. Com a generosidade dos nossos benfeitores leitores d'O GAIATO, os meninos de África, vão ter mais algum vestuário que o nosso querido Padre Telmo vai levar para Malanje — Angola. É pena as burocracias e despesas do transporte com as limitações de espaço e peso, pois boa vontade em ajudar nunca faltará. Continuam a chegar até nós muitas ofertas entregues na Casa Dina, no Porto, em especial. Poderão enviar também para o Lar do Porto, sito na rua D. João IV, 682,

ao cuidado do Sr. Padre Carlos. Nota para agradecer as ofertas de Maria Filomena Leite Pereira de Magalhães Alpendurada, também Luísa Correia, Manuela Santos, Maria José Merino e filha Inês. Um bem-haja a todos vós, pois com o pouco de cada um, se faz muito.

**MAGUSTO** — Será no dia 14 de Novembro, em pleno S. Martinho o magusto para todos os associados. Este ano será efectuado nos terrenos em frente da nossa sede, na Casa da Companhia que irá ofertar as castanhas da quinta. Estão todos convida-

dos sem excepções, pois o essencial, é a vossa presença para um salutar convívio familiar.

**JANTAR DE NATAL** — Está já em marcha, a preparação do jantar de Natal, gostaríamos este ano, de o deslocar para a zona do Grande Porto, facilitando a adesão de mais associados, pois pensamos que poderemos chegar perto das cem adesões. Daremos mais pormenores, mas se estás interessado contacta-nos e reserva o teu lugar e da tua família para os números 912163569 ou 917414417. □

## MIRANDA DO CORVO

Alunos do Alternativo

**FESTA EM AVEIRO** — Conforme foi bem anunciado e divulgado, aconteceu a 19 de Setembro, Domingo, pelas 15.00h, a nossa Festa — Encontro, no Centro Cultural e de Congressos de Aveiro, que nos recebeu de forma muito amável. Antes, o Hotel Imperial ofereceu almoço a alguns participantes de Miranda do Corvo. Na bilheteira, esteve o casal Trindade. No seu Grande Auditório, estiveram presentes centenas de pessoas, muitos Amigos nossos; embora nesse dia decorressem as Festas do Senhor dos Navegantes e dos Cursos de Crisandade.

Foi um belo espectáculo de variedades, para rir e reflectir. A festa abriu com um diaporama sobre o nosso *Calvário*, em Beire (Paredes). De seguida, entraram em cena os nossos *Batatinhas*, que representaram um conto tradicional: *“O coelhinho Branco”*. Os pequenos grandes actores, caracterizados e ensaiados por Paula Sousa, foram: Aiyune, Aliu, Amadú, Arménio, Betinho, Diogo Madeira, Diogo Silva, Divino,

Evguénio, Flávio, João Madeira, Joaquim, Joel, Luís Miguel, Malam, Rocha e Victório. A mensagem desta encenação, tão colorida, salienta a amizade como um valor fundamental, em que a ajuda vem, por vezes, dos pequenos e de quem menos se espera. Depois, os Rapazes da Casa do Gaiato de Paço de Sousa encenaram bem um tema “Isto é a Casa do Gaiato”; voltando, de novo, com um número de folclore, de viva alegria. O espectáculo contou ainda com a actuação dos Rapazes da Casa do Gaiato de Setúbal, com duas danças modernas, como eles bem sabem; sendo de salientar a ajuda preciosa do Jaime, na logística. Um contratempo, com a avaria das cortinas do palco, foi superado com momentos musicais de rara beleza, previstos, interpretados pelo jovem e nosso amigo Paulo Sousa. O apresentador, André, fez as entradas dos momentos. Os Rapazes da Casa do Gaiato de Miranda do Corvo continuaram a sua actuação com a peça “Estátua viva”, que deixou o auditório suspenso e bem dis-



posto. Os seus participantes foram: Belizário, Diogo Silva, Feliciano, Flávio, Grazina, Igor, Joaquim, Joel, Madi, Natanael, Paulo Costa e Rui. O ambiente de alegria decorreu para um sketch bem humorado “O sargento e o soldado”, com Alberto Bogalho e Paulo Sousa. Seguiu-se uma ritmada “Dança-movimento”, pelos Rapazes de Miranda do Corvo, envergando

camisolas com o símbolo da Obra da Rua: o *Quim Mau*. Nesta actuação, participaram os seguintes dançarinos: Aiyune, Amadú, Arménio, Betinho, Diogo Madeira, Diogo Silva, Evguénio, Fábio, Flávio, Joaquim, João Madeira, Joel, Luís Miguel, Natanael, Paulo Costa e Rui. Para manter os espectadores felizes, não podia deixar de ser representado, de

novo, “O Barbeiro”, com os seguintes actores: Paulo Sousa; e Belizário, Diogo Silva, Feliciano, Grazina, Igor, Joaquim, Madi, Natanael e Rui.

No final, todos os membros da Família da Obra da Rua, com os seus Padres, cantaram o *Hino dos Rapazes de Miranda do Corvo*, referindo-se à vida nas Casas do Gaiato: *Aqui é bom viver! A minha vida mudou quando aqui cheguei...* Em destaque, foi apresentada uma bela frase de Pai Américo: *A Casa é o vínculo da Família*.

O Padre Manuel agradeceu à Diocese de Aveiro, onde os Gaiatos são sempre bem acolhidos, nomeadamente aos senhores Bispos, Sacerdotes, religiosas, outros cristãos e povo em geral. Uma palavra muito especial ao excelente jornal *Correio do Vouga*, que publicitou o nosso espectáculo cultural, até com uma entrevista efectuada pelo Dr. Jorge Pires Ferreira.

Os Senhores Bispos, D. António



## Vida em Família

**M**AIS uma *partida* dos meus ossos levou-me a outra intervenção cirúrgica, agora no pé direito. Ao esquerdo já fôra; e este, decerto, não quis que o outro se ficasse a rir dele. Comecei pelos ombros e espero ter acabado nos pés. E louvores a Deus que dos órgãos intermédios não tenha queixas de maior, o que é uma grande graça na minha idade!

Foi no Santo António. Aí trabalha uma das nossas noras, por isso, naturalmente, a visita mais assídua, que aproveitou lembrar-me, e mandou-me registar já que no próximo Maio são as bodas de prata do seu casamento. Ele, funcionário de uma multinacional, tinha regressado aquele dia da Turquia; e com muita frequência anda por esse mundo fora, parte importante da sua actividade profissional. Ela, é a Mãe que, sobre o seu trabalho, no exercício dos deveres familiares, tem muitas vezes ocasião de ser também o Pai de família. E é capaz de tanto porque a sua formação foi feita no trabalho e a ascensão ao 12.º ano em grande parte realizada à noite. Vida exigente, podemos mesmo dizer dura, foi a sua Escola. Por isso, agora colhe frutos no prestígio de que goza na sua profissão e na fecundidade do seu lar. Só por reparar nos filhos, que são marcos no tempo — o mais velho conta já 21 anos — desfiz a admiração da velocidade feliz destes 24 anos já cumpridos, admiração com que reagi primariamente à sua informação e ordem. Se Deus me der vida, com que alegria a cumprirei!

Desta espécie é o lucro mais autêntico da nossa Obra — «Família para os sem Família»: Que os rapazes tenham o comportamento e dele adquiram o senso e o mérito para encontrarem aquela que

Deus também escolheu para formarem um par feliz e poderem dar aos seus filhos o sabor de pai e mãe que eles não tiveram.

Felicidade nunca é facilidade. A felicidade constrói-se no amor verdadeiro, que não o é se não pudermos chamar-lhe Caridade. É esta «é paciente e benigna; não é invejosa nem orgulhosa; não procura o próprio interesse; não se irrita nem guarda ressentimentos; não se alegra com a injustiça mas sim com a verdade; tudo desculpa, tudo crê, tudo espera, tudo suporta. A Caridade não acaba nunca» (I Cor. 13/4-8)».

Aqui está o segredo da fidelidade conjugal (e também nas demais áreas sociais). Apesar de todas as contrariedades que podem e normalmente surgirão na vida familiar, a firmeza do *sim* que está na sua origem é invencível se não se deixar enfraquecer a Caridade que por ser Virtude fundamental «nunca acaba».

Infelizmente este quadro não é o mais frequente nos tempos que correm. No fundo revela-se em cada um uma debilidade para o compromisso; e da experiência própria surge uma desconfiança da capacidade para o compromisso do outro. Daí um crescer das uniões de facto, algumas justificadas a título experimental, que obviamente não oferecem garantias de estabilidade. Por isso, a geração de filhos adiada, o que acresce o aflitivo problema da necessária renovação das gerações; ou então filhos que nascem já em risco de uma situação provável de monoparentalidade.

Meu Deus, anda o mundo tão preocupado com a crise financeira (e tem razões para tal); mas me parece que a montante desta e mais grave do que ela é a crise de senso, do sentido de Justiça cujo nível é escandalosamente baixo, e se resume em imaturidade que avassala os homens.

Padre Carlos

## MALANJE

Padre Rafael

**S**OMENTE tinha 43 anos e fazia 12 que foi ordenado presbítero. Quando regressava de casar uma sobrinha, o carro em que viajava chocou frontalmente contra outro, falecendo ali mesmo. A perda de qualquer vida é sempre uma tragédia, e esta não o vai ser menos, porque quando uma pessoa se dedica a servir a muitos, são todos eles que vão sentir a sua ausência. Seu nome Padre Maló, um dos vinte Padres angolanos que exercem o seu ministério numa diocese que é duas vezes Aragoão. Na actualidade era Reitor do Seminário Espiritano. Homem alegre e optimista de uma fé provada em África e alguns países europeus, onde se formou, Padre Maló sempre teve claro que era aqui, em Angola, entre os seus irmãos, onde devia exercer o seu ministério. Descansa em paz irmão, e que o Bom Pastor te receba no Seu Reino.

A chuva chegou e é hora de semear o milho. Os nossos tractores têm de trabalhar aos pedaços. As aldeias em nosso redor. Também precisam dos nossos tractores para preparar a terra. Também algumas associações

de mulheres querem preparar um pouco de terreno. Como em todos os anos toca-nos partilhar, deixar de fazer parte dos nossos trabalhos de agricultura para que outros também possam beneficiar. Não é só semear o milho, é semear o amor, a dignidade, a justiça... A colheita será feita por outros.

A Casa está em tempo de mudança e isso vai-se notando na aplicação de todos os rapazes. Por estes dias acabaram o portão de entrada e fizeram mais de 20 camas. Tudo eles, feito por eles: Quinito, Júlio, Pepe, Morie... e outros. Todos os dias o nível de vida em Angola sobe mais, para cobrir os gastos de nossa Casa temos de procurar formas de conseguir dinheiro para sobreviver. Neste momento, metade chegamos da Obra da Rua, a outra metade é fruto do nosso trabalho. Mas devo dizer que há ainda um longo caminho a percorrer. Neste momento já estão a realizar tarefas administrativas e o escritório está entregue ao Paulo e ao Domini.

Durante a última semana acompanhou-nos a Superiora-Geral das Irmãs Mercedárias. Durante estes dias, em ambiente familiar,

Francisco e D. António Marcelino, fizeram questão em marcar presença. O Senhor Bispo de Aveiro referiu a sua amizade com a nossa Obra e o desejo da beatificação do Padre Américo. O Senhor Bispo Emérito destacou o amor gratuito de um homem evangélico, a grande figura sacerdotal do Padre Américo, que entrou no património da Igreja e do mundo, cujo espírito continua a contagiar.

A alegria e o entusiasmo desta festa foram completados com uma merenda fraterna, preparada pelas

senhoras que colaboram connosco que também foram lembradas com flores. A todos os que se empenharam e participaram nesta tarde cultural, os nossos parabéns e muito obrigado! □

### RECTIFICAÇÃO

Por lapso indicámos que a tiragem média d'O GAIATO em Setembro foi de 48.200 exemplares. Corrigimos: foi de 48.000.

mostramos-lhe a situação da nossa Casa e o trabalho inigualável que as Irmãs Marlene, Celia e Nati estão a realizar na Casa do Gaiato. Pedimos-lhe uma vez mais que a Congregação continue com o compromisso com a nossa Obra. Que o Senhor te dê saúde e coragem para transmitir o tesouro precioso que deve ser liberado para libertar os outros levado pela mão de Jesus.

O nosso Fábio, em colaboração com outros sócios, abriu uma escola de hotelaria. Ele, como não tinha meios financeiros, vai contribuir com a parte formativa como professor. Alguns dos nossos rapazes foram à inauguração. Outros não puderam ir por falta de transporte. A verdade é que, uma vez mais, os débeis nos dão exemplo de espírito de sacrifício e de esperança.

Por estes dias cumpro 3 anos de Angola. Durante este tempo houve tempo para tocar a realidade de Angola com as minhas mãos. Mãos que se deram e trabalham com outros, mãos que alimentam e limpam sangue e lágrimas de sofrimento, mãos que bateram palmas e se estenderam de alegria, mãos que se levantaram com raiva e impotência... Só peço ao Deus da Vida que me dê forças para que continue servindo, pois foram consagradas para servir aos meus irmãos e de entre eles os mais pobres.

Chegam-nos notícias de que Padre Telmo está a preparar um contentor para Malanje. Nele não pode faltar esperança, entusiasmo, confiança, caridade mesclada como em todas as coisas que imerecidamente necessitamos. Obrigado a todos pela vossa ajuda. □

## MOÇAMBIQUE

Padre José Maria

**A**PESAR de toda a nossa confiança em Deus, não podemos deixar a prudência de parte. O ano agrícola que terminou foi o pior dos dezanove que decorreram desde a chegada. As mudanças de clima, em que as chuvas chegam a intervalos de três meses, como neste último, impedem a certeza de qualquer rendimento agrícola. Nós porém contávamos com a conduta de que nos deixava 60% da água, calculada pela Cooperação Italiana que a construiu. Foi feita a privatização aos utentes que se constituíram em sociedade sem fins lucrativos, no pressuposto de que as Estruturas do Governo não teriam condições para tal.

Aconteceu porém que numa visita da Senhora Governadora a Mahubo o Povo se queixou da falta de água e acusou com tal veemência a actual gerente que simplesmente foi anulada a concessão e entregue à Administração de Boane. Soubemos posteriormente que tinha sido feita uma distribuição por quatrocentos lotes de moradias a quem de Maputo veio ali fazer a sua casa de fim de semana. Eis razão maior da falta de água. Quando um burro fala o outro baixa as orelhas, não é? No fim de contas somos os mais prejudicados porque acabámos, injustamente por não ter água.

A nossa plantação no terreno do Pivot com 25ha seria de milho. No outro terreno com área quase igual costumamos lançar soja e girassol com menos necessidade de água. Porém, além da chuva, não podemos contar com mais nada.

As sementes e adubos vão a cerca de vinte mil euros ao câmbio actual. Arriscar? Se não resultar é uma perda incalculável. Se cho-ver, poderemos, no mínimo, colher o valor das sementes. Mas o resto, adubos que importam na maior despesa, tractores, combustível, mão de obra na sacha e na colheita, ficam sem cobertura. É possível que venham chuvas e até inundações como há dez anos. Os ratos estão a procurar as residências, o que para os antigos é sintomático. Ajuda? Estraga? Que fazer meu Deus? Prudência. Confiança. E o dinheiro? Já gastámos no estudo de nova conduta, que ainda não foi entregue. E quando poderá ser feita, e quanto custará? Muitas centenas de milhares de euros, certamente.

Não somos porém sozinhos neste dilema que nos pode levar à fome. Nas cidades e no campo, esta tem aumentado. «As condições cada vez mais precárias da vida do povo moçambicano, torna-o mais vulnerável ao crime e aos conflitos e a segurança passa por ter comida, emprego, saúde, tecto ou seja, viver com dignidade». É o resultado de um estudo do Instituto Real de Assuntos Internacionais. Tanto nas cidades como nas Aldeias a situação não é muito diferente. Em Maputo são inúmeros os que catam na lixeira o seu sustento; outros nos caixotes do lixo, que abundam e extravasam; uns procurando restos de comida e os especializados em toda a espécie de garrafas, aproveitando delas algum conteúdo. Tenho visto. Os passeios servem de loja para toda a espécie de coisas, até comida confeccionada ali mesmo. Metade da população tenta sobreviver, mas a fome é grande. Em contrapartida o Ministério da Saúde está alarmado com tanta gente com problemas cardiovasculares e diabetes. Aconselha a fazer exercícios físicos quatro vezes por semana, a comer vegetais, gorduras e doces com moderação. Este recado não é para os Pobres.

Não sabemos o que nos espera! Em Deus pomos a nossa confiança e nada queremos temer. Mas que estamos tolhidos, estamos. Creio só na Vida Eterna. □

## CONFERÊNCIA DE PAÇO DE SOUSA

Américo Mendes

**POBREZA HÁ, MAS NÃO À MINHA PORTA** — Tive que ir há dias a uma cidade do nosso Minho por solicitação de uma organização que aí trabalha na área social, com incidência especial no apoio aos toxicodependentes. Uma parte deles estão em situação de sem abrigo. Dizia-me a pessoa que lá me chamou que uma das principais dificuldades que a sua organização teve no início deste trabalho, mesmo em relação a outras organizações que também trabalham na área social, foi que as pessoas tomassem consciência de que na terra havia mesmo pessoas sem abrigo. Para muita gente lá do sítio isto dos “sem abrigo” é um problema de Lisboa e do Porto, mas não da simpática localidade a que nos estamos a referir.

Durante a conversa vieram-me à memória resultados de um inquérito feito há uns anos atrás sobre a percepção da pobreza pela população portuguesa. Alguns resultados relevantes desse inquérito repetiram-se num outro feito há dias sobre o mesmo assunto a alunos do 1.º ano de uma universidade portuguesa. Destaco aqui dois desse resultados: as pessoas acham que há pobreza e que se trata de um dos problemas mais importantes da nossa sociedade, mas consideram que a pobreza que existe não é à porta delas; sobre quem deve ter a responsabilidade principal em lidar com este problema, a maioria acha que devem ser outras entidades (o Estado, as autarquias, as IPSS's, a União Europeia, etc.), cabendo à própria pessoa um lugar menor neste combate.

Se mais razões não houvesse para a existência de uma Conferência Vicentina em cada paróquia e se mais efeitos essa existência não tivesse, há, pelo menos, este: o de lembrar, em permanência, a cada Vicentino e, através dos Vicentinos, ao resto da comunidade, o dever de se estar atento ao Próximo, especialmente àquele que mais precisa de ajuda e a quem podemos ajudar, por muito pouco que seja.

O nosso endereço: Conferência de Paço de Sousa, ao cuidado do Jornal O GAIATO, 4560-373 Paço de Sousa. □

## SETÚBAL

Padre Acílio



O casamento, na Casa do Gaiato, de um rapaz nela criado, é sempre uma gloriosa vitória da dignidade humana sobre a degradação.

Para a Obra da Rua é ainda afirmação concludente e indismutável de que somos uma família e não um colégio como tantas vezes as arremetidas do mundo pretendem convencer. Uma família como é a Casa do Gaiato, só põem na rua os seus rapazes, quando eles adquirirem estabilidade afectiva e

económica e faz de tudo o que lhe é possível para que cada, um dos seus filhos, consiga este objectivo.

O casamento, torna-se assim uma saída natural e amorosa, criadora de laços afectivos, cada vez mais fortes, entre nós, os noivos e as suas famílias de sangue.

O Hélder veio para a nossa casa com 11 anos mas já proscrito pela escola que frequentava.

A adaptação à sua nova família foi fácil. Aliás, o ambiente aberto, acolhedor, naturalmente amoroso

facilitou a sua integração. Fez, dentro de casa, o sexto ano, facto que seguiu a sua pré-adolescência e seguiu, galgando todos os anos, até acabar a licenciatura em Engenharia do Ambiente. Passou por uma empresa onde não se fixou e concorreu para outra, sedeadada em Lisboa onde trabalha há vários anos.

Ajudou, quanto pode esta casa, sobretudo nas festas, onde manifestou e desenvolveu as suas qualidades de comunicar e o seu contagiante bom humor.

Já noite dentro, no ambiente festivo da boda, o seu chefe veio cumprimentar-me rasgando ao Hélder os melhores e mais seguros elogios.

Seus colegas universitários estiveram em peso com a tuna de que o noivo faz parte e, então, por vários momentos elevaram o nível de alegria a patamares jamais imaginados.

A família da Susana é da Quinta do Anjo, terra onde esta casa, tem vários rapazes casados e todos a dar boa conta de si e das suas famílias.

Acolhemo-la como nossa filha, da mesma forma como a família dela recebeu o Hélder em seu amoroso seio. A mãe da Susana confidenciou à D. Conceição: mal o Hélder entrou em nossa casa, senti-o logo como meu filho.

A Susana é médica dentista,

muito concentrada e segura, com sólida formação moral e ávida de alcançar hábitos estáveis de prática religiosa.

A celebração, ao meio-dia, na nossa capela, revestiu-se de grande solenidade, com o coro dos nossos rapazes, a cantar e a tocar, os noivos a fazerem as leituras, por eles escolhidas e a pronunciarem a forma do casamento com voz solene e convicta: recebo-te por minha esposa (esposo), (...) e prometo ser-te fiel (...) por toda a nossa vida!

Estiveram vários gaiatos contemporâneos do Hélder. Alguns casados, outros solteiros e, diversos juntos. Procurei que a homilia fosse, além de acessível, fortemente catequética. Muito me dói que os rapazes de fé esclarecida pela Casa do Gaiato, ponham de parte o seu compromisso baptismal e embarquem nas facilidades loucas que as modas do mundo oferecem.

O casamento, se não pode ser com festa, é sem ela. O importante é que a dignidade sobrenatural de uma pessoa baptizada, não seja deposta. A festa poderá acontecer, em qualquer altura da vida. Não se tome o acessório pelo essencial.

Também foi uma palavra para os que se juntaram como os gatinhos a ver se dá, conforme o tom do mundo.

Um pai que é sacerdote tem o dever e a autoridade de os chamar à razão e a Deus!

**JARDIM** — Quando chegares a esta Casa, vais encontrar um amplo e lindo jardim. Não te escandalizes. Isto não é a entrada de um palácio de gente rica. É obra de rapazes. Até os mais pequeninos plantaram relva.

Canalização da água, a instalação de rega, limpeza da terra a escolha da junça e do escalracho é obra deles.

O espalhamento da terra orgânica carregada da nossa quinta e do estrume da nossa vacaria foi também feito pelas suas mãos. A abertura das valas para a colocação da tubagem, o levantamento da calçada e, até a maioria da sua reposição foi fruto do esforço e do brio dos rapazes.

A instalação eléctrica que está um sonho e convida a meditação nocturna, é obra do seu estudo, do seu engenho, da sua arte e dedicação.

As lindíssimas pedras, calhaus rolados, carregaram os seus ombros e foram por eles, dispostas em círculos, ligados por passarelas uns aos outros, sob a copa das laranjeiras recuperadas e viçosas.

À noite, o nosso jardim é um espectáculo de beleza! □

## BENGUELA

Padre Manuel António

## Esperança

DOU-VOS uma grande alegria. Ao fim da manhã, recebi a notícia da colocação do César Daniel na escola da Casa do Gaiato. É um novo professor. Anunciei esta esperança, na quinzena passada. Está connosco, desde pequenino, como filho muito querido. Cresceu. Estudou. Fez o concurso público para professor e venceu. O pedido para a sua colocação na nossa escola foi atendido. Receberá a guia de apresentação, dentro de dois dias. É uma etapa gloriosa do processo que, assim esperamos, dará os seus frutos benéficos, ao serviço dos seus irmãos gaiatos e as outras crianças que frequentam a nossa escola. Não experimentávamos o sabor inicial dum dom tão precioso, ao longo dos anos. Que seja fiel e cumpra bem missão tão nobre! Queremos viver nesta esperança, porque a escola é um sector da nossa vida que nos consome mais energias.

Quem dera fossem criadas as condições humanas dignas, nas terras donde fugiu uma grande parte da população que vive nesta zona do litoral, devido à guerra. O seu regresso à fonte poderia ser o encontro com uma vida nova, onde sentisse a felicidade a que tem direito e o ambiente necessário à solução dos seus problemas familiares. Estou a ver, diante de mim, esta manhã, um homem, ainda novo, cheio de feridas já curadas, ao longo dos meses que nos visitou, porque não tinha

ninguém da família a quem pudesse recorrer. Veio, agora, pedir ajuda para viajar para a sua terra de origem, onde tem os seus familiares que o podem ajudar. É no Alto-Catumbela, a cerca de 200 km. Estava feliz com esta decisão. Viu a solução dos seus problemas futuros, na sua própria terra, junto dos seus.

É um verdadeiro símbolo da solução mais humana para a multidão de gente que vive, amontoadada, sem terras para cultivar, neste litoral, à beira-mar, longe do seu ambiente natural que muito contribui para o equilíbrio das pessoas.

Se é verdade que esta seria uma solução ideal para os imensos problemas sociais dos grandes aglomerados do litoral, não é menos verdade que, antes, é absolutamente necessária a preparação dos lugares de acolhimento, na origem.

Tenho muito viva a resposta das dezenas de famílias que vivem à sombra da Casa do Gaiato de Benguela, ao pedirlhes que regressassem às suas terras, donde fugiram. Onde temos a escola para os nossos filhos? Onde vamos tratar as nossas

doenças? De que vamos viver, se temos terras, mas não há quem nos ajude? E as nossas casas? São questões sérias. Não são fáceis de resolver, mas é necessário um investimento material e humano, psicológico também, porque a gravidade da situação está ligada a um desequilíbrio assustado da ocupação de Angola.

Estou a escrever diante do mapa desta terra mãe. Podemos quase dizer que o seu interior, sem limites, está vazio. A maioria da população refugiou-se no litoral, constituindo, deste modo, grandes centros que se transformam em espaços favoráveis para focos de instabilidade social. Quanto mais tempo demorar a resposta adequada a esta situação, mais difícil se torna a execução, por causa dos hábitos e formas de vida que se vão adquirindo, na franja social mais jovem. Deste modo, a adaptação a outros ambientes do interior encontra muitas resistências. Contudo, a nossa Angola do futuro próximo vai continuar a trabalhar no sentido de ser a pátria desejada por todos, em todas as partes da sua geografia.

Quem dera os nossos olhos pudessem ver mais! □

## PENSAMENTO

Pai Américo

*Falta no mundo quem dê atenção e ouça histórias de vidas esmagadas. A desta viúva é assim. Os seus olhos são as janelas da verdade com que ela se exprime. Fichas sociais, nestes casos, são desnecessárias; a letra é inimiga da verdade. □*

## SINAIS

Padre Telmo

JÁ com 84 anos resolvi subir de novo às montanhas do Gerês e lugares onde passei tantos momentos de deserto e paz, na companhia do Pedro — um jovem forte e alegre.

Cada cem metros ele me esperava sorrindo aos meus vagares. Primeiro tomou a sacola que levava na mão; depois a mochila que colocou em cima da sua. Solidário! Solidariedade é «dar a mão» — como dizia Pai Américo.

Há dias fui convidado para assistir à abertura do ano escolar da Universidade Sénior da Póvoa de Varzim. Todos os professores dão aulas gratuitamente! Solidários! Os rotários ajudam com as despesas. O Director dá todo o seu tempo. Solidário! Fiquei encantado.

\* \* \*

As vacas atacaram a lavra de milho. A seguir o sol atacou o resto. Ficámos sem alimento para os porcos.

Veio em nossa ajuda o José Fidalgo com mil e quinhentos sacos de rações. Solidário!

O Zé foi-me entregue pela mãe junto ao palácio de ferro — então escritórios dos Serviços Sociais, em Luanda. Subiu para a Bedford com uma sacola, nesta, uma rica merenda que nos serviu de jantar no caminho de Malanje.

Fez a quarta-classe. Aprendeu mecânica. A primeira carrinha com que arrancou a trabalhar foi queimada pela Unita em plena estrada. Ele conseguiu fugir pelo mato. Sem desânimo continuou sempre. Hoje tem trinta camiões e uma rica fazenda com gado bovino e agricultura. Tem sido sempre solidário com a Obra que o acolheu.

Parabéns Zé.

\* \* \*

Também sinal mais o Carlitos que durante 5 anos tomou conta do nosso Lar de estudantes em Luanda. Fê-lo sem qualquer remuneração. Uma atitude de serviço e ajuda!

Era muito pequenino quando entrou na nossa casa de Malanje. Muito sensível! Um dia peguei-lhe numa orelha por ter dito um grande palavrão... os gritos ouviram-se na cidade, a dez quilómetros. Dali por diante nas suas traquinices era eu que ficava cheio de medo.

Há dias uns senhores ficaram muito admirados por ele me tratar por «tu»!... Grande sinal! □